

A Pedra da Loucura

Joaquim Monteiro¹

Carlos Calado²

Resumo

“A extracção da pedra da loucura” é o título de um quadro de Hieronymus Bosch que retrata uma trepanação, a mais antiga cirurgia. A partir deste quadro faz-se uma análise sobre a evolução da trepanação ao longo da história salientando a prática da trepanação em Portugal. Salientam-se alguns aspectos da pintura de Bosch no que diz respeito à trepanação e ao ergotismo não esquecendo que um dos seus quadros veio para Portugal pela mão de Damião de Góis. Por último descrevem-se os aspectos científicos da trepanação.

Palavras chave: Trepanação; ergotismo; Bosch.

Abstract

“Stone operation” is the heading of a picture of Hieronymus Bosch that portrays a trepanation, the oldest known surgery. An analysis to the long history of the trepanation is done based on this picture pointing out to the trepanation in Portugal. Main aspects of Bosch’s pictures regarding trepanation and the ergotism are analyzed not forgetting that one of the pictures came to Portugal by the hand of Damião de Góis. Finally the scientific aspects of trepanation are described.

1 Professor de neurobiologia do Curso de Licenciatura em Psicologia da UAL

2 Professor de psiconeurologia do Curso de Licenciatura em Psicologia da UAL

Introdução

Embora se saiba que a trepanação era praticada na idade da pedra, com instrumentos rudimentares, não se sabe com certeza qual era o objectivo de tal prática. Vários pintores como Bosch, Hemessen e Brueghel retrataram práticas de trepanação sendo o quadro de Bosch “ A extracção da pedra da loucura” o mais conhecido. ”As tentações de Santo Antão” outro dos quadros pintados por Bosch que pertenceu ao humanista português Damião de Góis está povoado de estranhas criaturas fazendo referência ao ergotismo uma situação que causava alterações mentais e circulatórias acompanhadas de dor intensa.

1. A trepanação ao longo dos milénios

A trepanação é provavelmente a forma mais antiga de cirurgia conhecida pela humanidade sendo praticada há mais de 10.000 anos. Há vestígios de trepanações executadas no neolítico com recurso a pedras cortantes. A abertura do crânio, nesses tempos, era uma audácia e um perigo. Os objectivos dessas trepanações têm intrigado os investigadores. Broca (1867) no Congresso de Antropologia de Budapeste demonstrou que certas lesões da calote craniana tinham sido feitas de forma propositada e que o paciente tinha sobrevivido. Broca (1861) já tinha revelado as suas capacidades como cientista ao descrever a importância, para a linguagem, de uma área no hemisfério cerebral esquerdo que ainda hoje conserva o seu nome. Segundo Clower (2001) o interesse pela antropologia levou Broca a estudar crânios do neolítico e a constatar que apresentavam lesões ósseas com sinais de cicatrização. Até essa data os buracos nos crânios pré-históricos não eram valorizadas porque se pensava terem resultado de feridas em vida ou de traumatismos depois da morte. A reparação do bordo ósseo, descrita por Broca, era a confirmação da sobrevivência do paciente após a trepanação. A lesão óssea era praticada com o auxílio de uma pedra afiada e alguns crânios apresentavam várias trepanações.

Há um mito grego envolvendo Zeus que tem uma analogia com a trepanação. Zeus, o rei dos deuses, depois de ter engolido a sua mulher Métis, para evitar ser destronado pelo filho, desencadeia uma crise de cefaleias.

Hefesto, deus do fogo, vem em seu socorro e Zeus pede para ele lhe abrir o crânio. Hefesto usa um machado e da abertura craniana nasce Atenas, a deusa guerreira, já adulta e armada.

A prática da trepanção era muito frequente no Peru tendo sido encontrado um instrumento, chamado tumi, com uma lâmina semicircular que se destinava à trepanação. Segundo Bakay (1985) cerca de 6% de um conjunto de 10.000 crânios encontrados no Peru apresentavam sinais de trepanação.

Santo Aubert bispo de Avranches faleceu cerca de 725 tendo fundado o Mont-Saint-Michel. O seu crânio está guardado na Igreja Saint-Gervais d'Avranches e apresenta um orifício, de 2 cm de diâmetro, na região parietal direita. Segundo a tradição foi o arcanjo São Miguel que causou o referido orifício como forma de convencer o santo a construir o referido templo. Para Thailaud (2006) que estudou o crânio do santo a lesão não se deve a uma trepanação. Embora haja uma cicatrização do bordo da lesão óssea o espessamento do mesmo é compatível com um quisto epidermóide afastando a possibilidade de uma trepanação.

Jamet (2003) considera que o período de glória da trepanação foi o Neolítico havendo crânios com sinais de trepanação um pouco por todo o mundo. Na actualidade, continua a ser mais clara a técnica usada pelos povos primitivos para a trepanação do que o motivo de realização da mesma.

2. A trepanação em Portugal

Leite de Vasconcelos (1897) foi Director do Museu Etnográfico Português e distinguiu dois tipos de trepanação: uma em vida que é atestada pelos sinais de cicatrização óssea e outra no morto. A trepanação nos mortos tinha como objectivo retirar um fragmento de crânio para ser usado como amuleto. Estes fragmentos tinham perfurações para poderem ser usados ao pescoço. Em Portugal foram encontrados poucos crânios com sinais de trepanação. A trepanação era geralmente incompleta não atingindo a totalidade da espessura do osso. Alguns dos locais, onde foram encontrados crânios trepanados, incluem as seguintes grutas: Galinha (Alcanena), Furninha (Peniche), Cova da Moura (Cesareda) e Fontainhas (Serra de Monte Junto).

3. Bosch e a trepanação

Hieronymus Bosch foi um génio da pintura holandesa do século XV e muito se tem escrito sobre a sua obra. Nos seus primeiros quadros seguiu a escola flamenga mas posteriormente começou a inserir uma série de figuras fantásticas. Estas figuras são de uma grande originalidade e conjugam espiritualidade, magia e folclore conferindo um carácter esotérico e místico aos seus quadros. Trabalhou para várias igrejas do seu distrito pelo que muitos dos seus quadros encerram uma lição moral. Filipe II de Espanha conseguiu reunir uma importante colecção de quadros de Bosch estando parte desta colecção, em Madrid, no museu do Prado. O quadro “A extracção da pedra da loucura” é um dos que se encontra no museu do Prado. À volta da cena principal, situada num círculo, encontra-se a seguinte inscrição: mestre extrai-me a pedra rapidamente, o meu nome é Lubbert Das. Ao centro do quadro vêem-se três pessoas que participam no tratamento do paciente Lubbert Das que se encontra amarrado a um banco com costas. Embora Lubbert peça para lhe tirarem a pedra o que parece sair da sua cabeça é uma flor. Esta flor poderia ser uma tília contudo a introdução da tília na Holanda é muito posterior. O quadro mostra um funil e um livro nas cabeças respectivamente do cirurgião e de uma freira que poderiam estar, de forma mais natural, em cima da mesa. O funil pode ser um símbolo da alquimia e o livro uma referência a um conhecimento, com pouco valor, porque não era transmitido pelo contacto directo com os mestres. A localização do livro e do funil retiram credibilidade ao tratamento e a presença da bolsa do paciente revela um possível interesse monetário. Segundo França (1994) o quadro pode ser visto com uma alegoria à inocência de uns e à falta de escrúpulos de outros.

Outro dos quadros de Bosch “As tentações de Santo Antão”, um tríptico, pode se visto em Lisboa no museu de Arte Antiga. No reverso do tríptico existem duas pinturas que representam a prisão de Cristo e o transporte da cruz. Os três painéis apresentam estranhos monstros e têm como figura central Santo Antão que é sujeito a várias tentações. Santo Antão (215-356) foi um eremita que aos vinte anos distribuiu todas as riquezas pelos pobres para seguir o exemplo de Cristo. Num dos painéis laterais, do tríptico de Bosch, o santo é elevado ao céu por demónios enquanto parece implorar perdão. No painel central o santo encontra-se de costas para uma celebração herética.

Uma possível vítima do ergotismo, com uma gangrena no membro inferior, parece participar nesta celebração. O ergotismo espalhou o sofrimento e a morte durante séculos. A doença era causada pelo centeio contaminado por um fungo, o *Claviceps*. O fungo contém ergotamina uma substância que leva à contração dos vasos sanguíneos. A intoxicação manifesta-se por: confusão mental, alucinações, convulsões e gangrena das extremidades. Há descrições de epidemias de gangrenas dos pés e mãos na Idade Média. Os relatos referem que os membros eram consumidos por um fogo sagrado porque ficavam com a aparência do carvão. Estas alterações dos membros eram acompanhadas por dores lancinantes. A doença era conhecida por fogo sagrado ou fogo de Santo Antão. Os alcalóides da ergotamina continuam a ser usados em medicina nomeadamente no tratamento da enxaqueca. No painel central do tríptico está representada a raiz da mandrágora. A raiz desta planta faz lembrar um corpo humano e era conhecida pelas suas virtudes, analgésicas, afrodisíacas e curativas.

No outro painel lateral o santo tenta concentrar-se nas suas leituras sendo tentado por uma mulher nua e por uma mesa com comida. Curiosamente sobre a mesa encontra-se uma pata de porco. É possível que as pessoas ao comerem os derivados do porco ingerissem menores quantidades de pão de centeio protegendo-se do ergotismo.

Jan Hemessen pintou, em 1550, um quadro intitulado “O cirurgião” em que explora a crença da cura da loucura através da excisão de uma pedra da cabeça. Neste quadro, do museu do Padro, observa-se um falso cirurgião que de óculos encavalitados na ponta do nariz e com a ajuda de duas mulheres retira uma pedra através da região frontal do paciente. Ao contrário do quadro de Bosch em que o cirurgião parece retirar uma flor da cabeça do doente neste quadro vê-se nitidamente uma pedra na região frontal. Para que não restem dúvidas há mais pedras em exposição que pretendem atestar a experiência do cirurgião.

Pieter Brueghel nasceu depois da morte de Bosch tendo-se interessado por temas religiosos, alegorias e alquimia. Alguns dos seus quadros retratam criaturas fantásticas e oníricas semelhantes às de Bosch tendo também retratado a trepanação.

4. A trepanação com base científica

Hoje em dia entende-se por trepanação a abertura de um orifício no crânio com um instrumento cirúrgico chamado trépano (do grego trypanon) semelhante a um berbequim.

Hipócrates descreve, no *Corpus Hippocraticum*, os instrumentos e a técnica usada na trepanação em termos científicos. Inclusivamente dá alguns conselhos no sentido de mergulhar a ponta do trépano em água, de vez em quando, para evitar o seu aquecimento excessivo e consequente lesão cerebral.

As operações neurocirúrgicas que se iniciaram de forma sistemática no fim do século XIX graças aos progressos da anestesia, anti-sepsia e hemostase necessitam de um ou vários trépanos que permitem levantar um retalho ósseo.

Em Portugal, nos anos vinte, Amândio Pinto sob a orientação neurológica de Egas Moniz, foi o primeiro cirurgião a fazer cirurgia craniana de forma regular. Seria Egas Moniz na década seguinte a avançar para as primeiras cirurgias cranianas com o intuito de modificar o comportamento de doentes psiquiátricos. À luz dos conhecimentos actuais é fácil reprovar em termos éticos a leucotomia. Em termos históricos a leucotomia, face aos fracos recursos existentes nessa época, mereceu a conquista o Prémio Nobel da Fisiologia e da Medicina em 1949. O aparecimento de medicação como os neurolépticos, nos anos cinquenta, conduziu ao declínio da leucotomia.

A trepanação continua a ser usada em neurocirurgia para permitir a drenagem de colecções líquidas, para fazer biópsias de lesões cerebrais profundas ou para permitir a passagem de eléctrodos, como no tratamento da doença de Parkinson. Na maioria dos doentes sujeitos a uma intervenção neurocirúrgica é necessário fazer várias trepanações. Estas trepanações dão acesso a um instrumento cirúrgico, chamado craniótomo, que corta o osso entre os orifícios de trépano e permite levantar um retalho ósseo expondo as meninges e o cérebro.

Conclusão

A trepanação, prática ancestral que consistia em forçar a entrada no crânio violando o seu interior, tem acompanhado a evolução do homem por todo o mundo. Portugal não é excepção, havendo vestígios da sua prática que remontam ao neolítico. Existe um conhecimento mais profundo sobre a técnica da trepanação na idade da pedra do que dos motivos de tal prática. Paul Broca, o primeiro a chamar a atenção para esta prática, considerou que seria usada para o tratamento da epilepsia nas crianças. O facto de as crises epilépticas se poderem extinguir naturalmente levaria estes povos a considerar a técnica eficaz. Contudo a existência de poucos crânios infantis com sinais de trepanação, em épocas em que a mortalidade infantil era muito elevada, não apoia a teoria de Broca.

Bosch retratou não só a trepanação como o ergotismo e os seus quadros têm numerosas alusões à alquimia. Há semelhanças entre a pintura de Bosch e pinturas feitas sobre a acção de substâncias psicotrópicas e sabe-se que o ergotismo pode causar alterações do estado de consciência.

A trepanação continua a ser utilizada na actualidade, pelos neurocirurgiões, com o recurso a técnicas específicas e com indicações precisas. Durante milénios a trepanação pode ter sido usada como um ritual de iniciação ou para a exorcização de espíritos malignos

Bibliografia

- BAKAY, L. (1985). An early history of craniotomy. USA, Charles C Thomas publisher, 38 41.
- BROCA, P. (1861). Perte de la parole, ramolissement chronique et destruction partielle du lobe antérieur gauche du cerveau. Bull Soc Anthropol 2:235-238.
- BROCA, P. (1867). La trepanation chez les Incas. Bull Acad Natl Med 32:866-871.
- CLOWER, W.T., & Finger, S. (2001). Discovering trepanation: the contribution of Paul Broca. Neurosurgery, Vol. 46, 1417- 1424.

FRANÇA, J.A. (1994). Bosch ou O Visionário Integral. Lisboa, Chaves Ferreira – Publicações, SA.

JAMET, E. (2003). Le néolithique: âge d'or de la trépanation. Pour la Science. Juin, n° 308, 88-93.

THAILLAUD, P. (2006). Le crane perforé. Pour la Science. Dossier n° 50, 95-97. Édition française de Scientific American, 22-27.

VASCONCELOS, J.L. (1987). Religiões da Lusitânia. Lisboa, Imprensa Nacional, 170-197.